

## A ótica Guarani Nhandewa sobre o papel e significado dos Museus Etnográficos no século XXI

### The Guarani Nhandewa perspective on the role and meaning of Ethnographic Museums in the 21st century

Tiago de Oliveira<sup>1</sup>

DOI 10.26512/museologia.v10i19.36182

**Resumo**

O presente artigo tem como objetivo central trazer a partir da ótica Guarani Nhandewa reflexões do papel e significado dos museus etnográficos no contexto atual. Compreender como esses museus têm contribuído para valorização da cultura indígena e quais ações têm sido feitas para que este espaço se torne um espaço de luta e resistência para esses Povos. O artigo é descritivo e etnográfico. Para a fundamentação utilizamos conceitos das experiências pessoais e empíricas de contato e participação nos eventos realizados em museus nos últimos anos, e referências bibliográficas na área da etnologia e museologia.

**Palavras-chave**

Guarani Nhandewa. Aldeia Nimuendaju. Cultura indígena. Museu etnográfico.

**Abstract**

The main objective of this article is to bring from the Guarani Nhandewa perspective reflections on the role and meaning of ethnographic museums in the current context. Understand how these museums have contributed to the appreciation of indigenous culture and what actions have been taken to make this space a space of struggle and resistance for these peoples. The article is descriptive and ethnographic. As a foundation, we used concepts from personal and empirical experiences of contact and participation in events held in museums in recent years, and bibliographic references in the area of ethnology and museology.

**Keywords**

Guarani Nhandewa. Nimuendaju Indigenous Village. Indigenous culture. Ethnographic museum.

**Nimombe'u woi**

Kowá kwatiá nimbo'eá retxaoká wa'erã marã Tupi-Guarani Nhandewa oma'e Mandu'a rupá reé. Mba'ewa Tupi-Guarani rakwaá Mandu'a rupá reé awii. Roikwaá Mandu'a-rupá opytymõ Nhanderekó, mba'ewa Mandu'a-rupá odjapóta ma Nhandewa rekó awã. Kowá kwatiá nimbo'e Nhandewa tekóre Mandu'a-rupá rupi. Kowá kwatiá nimbo'e Nhandewa nhomboaty Mandu'a-rupá retá re. Nhandewa Kwatiá reé a'egwi Mandu'a-rupá reé nhandé djatsarekóma awii.

**Mboparákwé-eté**

Guarani Nhandewa. Nhanderekó. Ymã rendá.

<sup>1</sup> Professor Indígena Graduado em Pedagogia e Mestrando no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP). ORCID 0000-0001-8715-8721

## Introdução

Há quase dois séculos, nós povo Guarani Nhandewa temos “caminhado” em busca da “Terra Sem Mal”, o *Ywy Marã’ey*. Saímos da região de Iguatemi (região do Mato Grosso do Sul), em direção ao Leste guiados pelos líderes espirituais (*Nhanheramõi kwery*), que nos levaram a muitos lugares por muito tempo, até que estabelecêssemos lugar fixo em diferentes *Tekoá* (aldeia). O grupo ao qual pertencemos permaneceu na Terra Indígena Araribá, formando a atual Aldeia Nimuendaju<sup>2</sup>, depois de um longo processo de mudanças que ocorreram nesta Terra Indígena.

Para entendermos então o que pensamos sobre o conceito de museu, primeiro é necessário entender o que nós Guarani Nhandewa<sup>3</sup> pensamos sobre “cultura indígena”. Para nós envolve vários aspectos culturais de nosso povo que trazemos desde antigamente (Pré-Cabral), através dos conhecimentos e ensinamentos dos nossos antepassados. Estes conhecimentos e ensinamentos estão relacionados com o nosso modo de ser, de fazer, de ver, de pensar, de conhecer. São cosmologias e epistemologias Guarani Nhandewa, que nós chamamos de *Nhanderekó*. É um sistema completo e interligado, tudo está conectado, material e imaterial, humanos e não humanos. O presente, passado e futuro se fundem dando sentido a nossa vida aqui no *Ywy rupá* (toda superfície terrena).

Consideramos também a Língua ancestral<sup>4</sup> como um elemento extremamente importante da cultura, sendo ela responsável pela transmissão aos *mitangwé’i* – são aquelas gerações mais novas, – abrangendo tudo aquilo que foi acumulado em termos de conhecimentos tradicionais a que me referi anteriormente. Tudo isso está guardado no que denominamos de “bibliotecas vivas”, que são os *Nhaneramõi kwery* – esses sujeitos são os anciãos e os mais velhos dentro de uma comunidade indígena. Quando precisamos consultar sobre um determinado assunto ou conhecimento específico são eles que procuramos para nos ensinar e transmitir aquele conhecimento ancestral. A importância dos “mais velhos” é imprescindível na transmissão desses saberes, nesse sentido Cledinilson Alves Marcolino fala: “Porque aqui temos *tiramoi, tiramoi*. Ele tem grandes conhecimentos, tem uma carga muito enorme de conhecimentos e pode repassa muitos conhecimentos, ensinar muitas pessoas e inclusive, principalmente as crianças”. (BABOSA; PITAGUARY, *et al.*, 2020: 44).

Sendo assim, temos tudo que precisamos para nossos aprendizados nesses interlocutores, que são os detentores de muitos conhecimentos adquiridos pelas suas experiências e vivências ao longo de suas vidas em vários contextos de coletividade indígena, o que chamamos de *Tekoá* – esse é um local onde desenvolvemos nosso sistema de vida Guarani Nhandewa.

2 Foi criada em 1979. E foi nesse tempo que a gente teve essa reunião, como eu já disse anteriormente, e que nós fizemos a fundação do Posto Indígena Nimuendaju. Para isso fizemos duas viagens à Brasília, falamos com o Presidente da FUNAI, e lá foi feito um decreto, que fundou a Aldeia Nimuendaju. Justamente em reconhecimento e homenagem a Curt Unkel Nimuendaju, o alemão que fundou a Terra Indígena Araribá, por isso nós quisemos dar o nome Nimuendaju ao Posto Indígena local Guarani. (Oliveira, 2008: 29).

3 Os Guarani, ao falarem de si na sua língua, para designar nação ou horda, empregam o termo “*Nhandeva*”, quando a pessoa com quem se fala pertence ao mesmo grupo, e “*Oréva*” quando pertence a uma outra tribo. Ambos os termos significam “nossa gente”, o último excluindo a pessoa com quem se fala, o primeiro a incluindo. (Nimuendaju, 1987: 7).

4 Em análise às respostas concedidas pelos professores nos questionários, foi possível constatar que a língua indígena tem grande prestígio e importância para toda comunidade, e ela juntamente com a escola poderão atuar em benefício do fortalecimento linguístico e cultural. (Oliveira, 2017: 15).

No entanto, desde a chegada e contato com “homem colonizador”, muitas coisas mudaram, principalmente a forma de guardar e transmitir o conhecimento tradicional. O sistema de conhecimento europeu, baseado nas ciências objetivas, se contrapôs às nossas epistemologias, nossas ciências originais, colocando-as em uma posição de conhecimentos inferiores, de subalternidade.

Hoje por exemplo conseguimos informações que estão nos *Kwatiá* que são os livros ou até na internet. Atualmente há quem já chame o “google de *Txeramõĩ*”<sup>5</sup> – como se esta plataforma de informações fosse o “avô” portador do conhecimento tradicional.

Nós indígenas nos deparamos com um outro local que é muito comum em guardar conhecimento, é o museu etnográfico. Desde então, o conceito de museu sempre nos remeteu a um espaço para expor e para armazenar objetos, artefatos e a história de uma determinada sociedade no tempo e no espaço.

Contudo, nossa forma de enxergar o museu vem mudando, percebemos que os museus etnográficos estão ressignificando seus espaços, propondo diálogos e a participação indígena como protagonista nesse ambiente que, por muito tempo, vinha sendo considerado como um local exclusivamente para exposição de artefatos indígenas, e agora estão conectados diretamente com os grupos indígenas que antes eram representados pelos seus objetos. Essa nova perspectiva museológica de diálogos, interlocuções e participações mútuas é vista como uma ação muito importante, isso fica evidente quando uma liderança indígena afirma com suas palavras. Em um dos eventos promovido pela Museu Pedagógico Índia Vanuíre, o Cacique Guarani Nhandewa, Claudino Marcolino<sup>6</sup>, enfatiza da seguinte forma essa perspectiva, na abertura dos caciques no evento (IAIATI; CAMILO; MARCOLINO):

Hoje graças a *Nhanderu* nós estamos aqui debatendo, aproveitando da parte do museu, é uma parte que nós somos obrigados às vezes até conhecer, porque é aqui que deixamos a nossa história, nós tivemos lá no MAE em São Paulo com a Marília [Xavier Cury], lá conhecemos a história do nosso passado, eles que guardavam no museu para nós, onde o meu avô, meu bisavô tem peças lá guardadas. Eu achei superimportante, é através do museu que nós guardamos a nossa história também, mas nós não desistimos. (2020: 25).

Portanto, o olhar Guarani Nhandewa é direcionado a trazer reflexões e apontamentos acerca da atuação dos museus etnográficos no século XXI, para tanto utilizamos das nossas experiências em eventos promovidos pelos mesmos nos últimos anos em várias ocasiões, sendo alguns deles no Museu Pedagógico Índia Vanuíre de Tupã e no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo.

## I Museus e experiências museológicas

Pensar em museu hoje é totalmente diferente do que pensamos no primeiro momento quando nos é apresentado, quase sempre começa na escola, quando os professores precisam abordar algum assunto relacionado à antiguidade, sendo o local onde se pode buscar por informações a respeito de tal

5 Conceito extraído por mim da fala do professor Guarani Mbya (“Negão”), durante o curso de extensão “Por uma Licenciatura Intercultural no estado de São Paulo” promovido pela UNIFESP nos anos de 2018 a 2020.

6 Depoimento no Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus. Versão completa do depoimento de Claudino Marcolino entre as páginas 25 e 28.

objeto ou artefato antigo. Acredito que não foi diferente para muitas pessoas. No entanto, nosso conceito mudou, temos agora um outro olhar a respeito do que é um museu, especificamente museu etnográfico, como podemos ver na fala da Creiles Guarani Nhandewa, Creiles Marcolino, o texto publicado com seus parentes (OLIVEIRA; MARCOLINO *et al.*):

[...] o primeiro encontro a gente chegou sem saber o que era o museu, pra mim o museu, pensava assim, só tem coisas velhas e antigas e estão lá. Mas a partir do primeiro encontro a gente começou a aprender o que quer dizer o museu. O museu não é só aquilo que você deixa ali pra você não tocar, o museu é tudo isso que a gente apresentou, é as fotos do passado, é recordação que fica em si, é a saudade que a gente deixa em cada um de vocês, é o momento que a gente vive, então o museu é isso. (2020: 60).

Os museus que mais tivemos contatos nos últimos anos foram dois. Um muito próximo das nossas comunidades indígenas, o Museu Pedagógico Índia Vanuíre, localizado no interior do estado de São Paulo, sendo na cidade de Tupã. O outro um pouco mais distante, ficando na capital São Paulo, o Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo.

Foto 1 - Evento no Museu Pedagógico Índia Vanuíre, 2019.



Acervo:Aldeia Nimuendaju.

Foto 2 - Curadoria Guarani Nhandewa no MAE-USP, 2019.



Acervo:Aldeia Nimuendaju.

A Ótica Guarani Nhandewa sobre o papel e significado dos Museus Etnográficos no século XXI

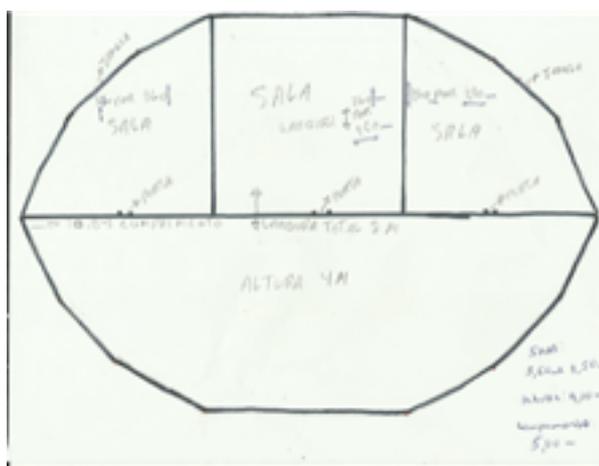
Podemos dizer que ambos museus tratam em sua abrangência da cultura dos Povos indígenas, cada qual com sua especificidade, museológica e etnográfica. Quando olhamos para esses museus podemos dizer que nos identificamos com os acervos e coleções que eles expõem em suas vitrines e também com o material que estão na reserva técnica.

Nossas culturas e nossas histórias estão ali, em uma relação do tempo que não é somente a do passado, mas a do presente também, é uma relação do ontem, do hoje e do amanhã. É uma mudança de paradigma, porque agora são “museus vivos”, porque a presença indígena literalmente está ali presente, não mais em peças ou imagens, mas fisicamente e espiritualmente através da nossa presença que se tornou cada vez mais atual e atuante nesse espaço.

Nesses museus pudemos nos reencontrar com muitos artefatos e objetos de nossos antepassados. Vários deles de coleção ou doação de pesquisadores que estiveram em nossas comunidades décadas ou séculos atrás coletando essas peças, como no caso do Antropólogo Egon Schaden em 1947<sup>7</sup>, quando ele esteve na Reserva Indígena de Araribá entre os Guarani Nhandewa. Alguns desses objetos coletados por estes pesquisadores são de âmbito sagrado e valiosos para nós. Vê-los novamente ou conhecê-los é um retorno ao passado, quando estabelecemos uma reconexão com nossas ancestralidades.

Essa aproximação com os museus etnográficos tem despertado interesses por parte dos indígenas de construírem seus próprios museus. Os museus indígenas são museus peculiares, com características próprias, tudo é planejado com o objetivo de manter a memória viva e fortalecer a cultura indígena. Essas iniciativas são apresentadas aos parceiros experientes na área da museologia, e receptivamente eles procuram orientar os indígenas para que seus museus se concretizem. Alguns museus indígenas já estão em funcionamento dentro das comunidades indígenas.

Foto 3 - Croqui do museu “Nhandé Manduá-rupá”, 2017.



Acervo: Aldeia Nimuendaju.

7 Por ocasião de minha primeira visita (fevereiro de 1947) contavam-se no posto 78 Guarani, além de alguns mestiços. (Schaden, 1974: 8).

Foto 4 - Museu “Nhandé Manduá-rupá” em construção, 2017.



Acervo: Aldeia Nimuendaju.

Um museu indígena está além do museu tradicional, ele é um ambiente para manter a memória de um Povo viva, mas também é uma forma de resistência e luta. Os museus indígenas cumprem um papel específico e diferenciado, devido ele ser um ambiente gerenciado pelos próprios indígenas, outra questão relevante é que ele está em um território sagrado, que é o *Tekoá*. Muitos museus estão ao ar livre, ele pode estar na mata, na casa de reza, na escola ou no prédio que agora também chamamos de museu indígena. Esses museus estão em constante movimento, onde o material e o imaterial se fundem para complementar a mensagem que aqueles objetos ou artefatos expostos estão dizendo.

Contudo, podemos dizer que as experiências com museus e museologias foram e estão sendo uma oportunidade de compensação por parte da instituição, por terem em suas galerias, acervos, coleções e vitrines objetos sagrados e valiosíssimos que há muito tempo foram retirados de seus lugares de origem, e que há muito tempo estão fazendo parte de exposições, seja para visitas, pesquisas ou especulações. Nesse sentido, a presença indígena nesses espaços aproximam seus donos com seus objetos, diminuindo assim o sentimento de perda de algo que foi deslocado de seu local de pertencimento, poderia dizer que é uma forma de repatriação dos bens culturais daquele Povo.

A repatriação desses bens culturais, que foram removidos em contextos coloniais ou similares, está cada vez mais em evidência em vários debates e polêmicas. De um lado os indígenas que querem que seus objetos voltem às suas origens, porque são sagrados e têm função social, já do outro lado estão as instituições solicitando que esses objetos tenham o status de patrimônio nacional. Em uma recente publicação na Revista da FAPESP, os autores mostram algumas situações em que alguns Povos indígenas pedem repatriação de seus objetos sagrados, como no caso dos Krahô que reivindicaram um machado sagrado que estava em posse do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, e agora o machado voltou para eles para ser utilizado segundo a cultura Krahô. Outra caso de pedido de repatriação é o manto de penas vermelhas que pertenceu aos Tupinambá que está em posse do Museu Nacional da Dinamarca, este caso um pouco mais complexo, porque os Tupinambá desde o século XVIII se dividem em vários grupos situados na costa brasileira do Pará a São Paulo. Mas existem outras situações a respeito de repatriação que estão em voga nos campos dos debates por especialistas e indígenas, como no caso dos Kaingang

A Ótica Guarani Nhandewa sobre o papel e significado dos Museus Etnográficos no século XXI

paulista. Em entrevista para a revista FAPESP uma indígena e curadora de uma exposição denominada “Resistência Já”, afirmou que se o Museu cuida e trabalha em conjunto, não há necessidade de devolução dos artefatos. Acredito que este pensamento é o de muitos indígenas também, no sentido de alguns desses artefatos já não terem condições de retornarem aos seus donos por questões como seu estado de conservação, e que não teriam condições de fazer parte de algumas funções sociais, a não ser ficar para exposição no Museu indígena.

## 2 Valorização da cultura indígena nos museus etnográficos

Os museus etnográficos através de seus representantes e suas ações estão propondo e promovendo cada vez mais momentos para que os indígenas possam expor suas reivindicações num espaço de discussões pelos direitos indígenas, pautando suas lutas, suas resistências, suas vozes e suas angústias. Criando assim um espaço da valorização da cultura indígena, sendo assim uma reinvenção do museu como podemos ver na parte introdutória do livro “Museus etnográficos e indígenas, aprofundando questões e reformulando ações” (e-book), onde fica claro a proposta do museu contemporâneo.

Com efeito, para o enfrentamento dos desafios impostos pela sociedade pós-moderna, os museus têm o dever de requalificar seus processos museológicos, de alargar os horizontes tradicionais da Museologia como campo de conhecimento e de se ressignificar em relação às lutas pela cidadania, pela terra, pelos direitos de minorias e pelo reconhecimento das culturas marginais. (SEC, 2020: 10-11).

Há alguns anos a nossa participação tem se tornado constante em eventos temáticos promovidos pelos mesmos. Nós indígenas saímos de nossos *tekoá* para se juntar a vários atores nessas ocasiões. Cada tema discutido, cada voz e cada personagem traz consigo uma cultura a ser defendida e fortalecida.

Os encontros promovidos pelo Museu Pedagógico Índia Vanuíre, na cidade Tupã, são de grande importância, cada ano que é realizado muitas propostas são debatidas e encaminhadas às instituições responsáveis pelas políticas públicas na questão indígena. Com essas ações e iniciativas dos museus, muitos resultados foram alcançados em prol das culturas indígenas. De acordo com Gleidson Alves Macolino, a participação do Guarani através do convite dos Museus no ano de 2014 foi importante (OLIVEIRA; MARCOLINO *et al.*):

Porque através de vocês, com o convite pra gente em 2014 vir aqui apresentar um pouco da parte cultural nossa, nós ficamos mais conhecidos também. Aprendemos muitas coisas. E hoje, uma coisa que a gente nunca imaginou conhecer foi o Museu do MAE na USP, em São Paulo. Então assim, pra gente foi um marco muito grande. (2020: 52)

O MAE-USP desde 2016, através de seus especialistas, está desenvolvendo em conjunto com os indígenas, exposições, onde os indígenas passam a ser curadores (curadoria compartilhada) e protagonistas (autonarrativas) desses eventos que até então era somente de iniciativa da instituição. É um forma de construir novas relações entre o indígena e o museu. Os debates, pesquisas e reflexões nos últimos dez anos vêm oportunizando essas relações entre museus e indígenas, isso fica nítido na fala da Museóloga Marília Xavier Cury para revista FAPESP, dizendo que o MAE dispõe de objetos que foram coletados em relações violentas, como a colonização do Oeste Paulistano no início do século

XX, e essa história não pode ser apagada, precisando tirar o estigma do passado, atribuindo novos sentidos às coleções.

Considero que essas relações, que estão sendo atribuídas para que os indígenas tenham participação e sejam protagonistas de fato, é um início e uma forma de minimizar as dívidas que tanto o Estado e as instituições têm com os Povos indígenas, por tudo que aconteceu no período da colonização e também pós colonização, até porque continuamos sendo vítimas da ganância ocidental capitalista que a todo momento atacam os territórios sagrados em busca de riquezas.

### Considerações finais

Finalizo este texto após reflexões a partir do olhar indígena e fazendo alguns contrapontos com o olhar contemporâneo de especialistas, o olhar Guarani Nhandewa a respeito da atuação dos museus etnográficos e da participação dos Povos indígenas nesses espaços, vejo que não é mais como um ator coadjuvante, mas como ator protagonista, no entanto agora estão de fato presentes dentro de uma proposta de reformulação e ressignificação dos museus etnográficos no mundo contemporâneo. De acordo com Cury (2020),

Os indígenas vêm procurando suas estratégias de fortalecimento cultural e entendem que o museu é um forte aliado para os processos de autodeterminação. Primeiro se deu a descoberta do museu etnográfico como local para rever os objetos de seus ancestrais, depois para ampliar o diálogo com o não indígena e demonstrar “como o índio vive”. Nessas situações, e aos olhos da museografia, há uma grande mudança de posição. Como “consultante” no museu, o indígena era um visitante na instituição, um pesquisador externo ao lugar de trabalho. Como “parceiro”, vê no museu a possibilidade de aliança para alcance de seus objetivos e, assim, adquire a posição de equidade no sentido do papel que conquista como pesquisador e curador no museu. Com isso os museus se transformam, quando respeitam a contribuição dos indígenas com seus saberes e visões de mundo, mas principalmente porque incorporam esses saberes na constituição do seu estatuto conceitual. (CURY, 2020: 15).

Podemos afirmar que a perspectiva indígena acerca dos museus ganhou outra configuração, no sentido de que ambos podem atuar como parceiros de luta pelos direitos indígenas, e não somente pela manutenção da memória através de artefatos, objetos, acervos e coleções, mas como agentes ativos em prol da causa dos Povos originários. Tendo em vista que há mais de cinco séculos somos subalternizados, marginalizados, oprimidos, massacrados em decorrência das muitas atrocidades advindas do processo de colonização, catequização, escravização e homogeneização cultural dos povos nativos deste território que hoje se chama Brasil.

Portanto, vemos que é necessário que as instituições de pesquisa, como os museus etnográficos, continuem construindo diálogos e relações com os indígenas, para promover ações e estratégias que valorizem, respeitem e fortaleçam as culturas indígenas, dando voz e ouvidos àqueles que continuam sofrendo com as violações dos seus direitos fundamentais, a invasão dos seus territórios sagrados, além dos preconceitos e discriminação que são direcionados à revelia do nosso Povo.

## Referências

BABOSA, Pajé; PITAGUARY, Francilene; MELO, Susilene Elias de; PEREIRA, Dirce Jorge Lipu; MARCOLINO, Gleidson Alves; MARCOLINO, Cledinilson Alves. O sagrado no museu. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: SEC-SP, ACAM Portinari, Museu Índia Vanuíre, MAE-USP, 2020. p. 37-47. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786599055706>.

CURY, Marília Xavier. Museus etnográficos e indígenas – Aprofundando questões, reformulando ações. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: SEC-SP, ACAM Portinari, Museu Índia Vanuíre, MAE-USP, 2020. p. 15-21. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786599055706>.

IAIATI, Ronaldo; CAMILO, Jazone de (traduzido por Analu Lipu Felix); MARCOLINO, Claudino. Direitos Indígenas – as pautas comunitárias indígenas. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: SEC-SP, ACAM Portinari, Museu Índia Vanuíre, MAE-USP, 2020. p. 24-31. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786599055706>.

NIMUENDAJU, Curt Unkel. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani*. Trad. Charlotte Emmrich e Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: HUCITEC / Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

OLIVEIRA, Tiago de. *Os desafios do ensino da Língua Tupi-Guarani Nhandewa no ambiente escolar da aldeia Nimuendaju*. Bauru, SP: PRPPG/USC, 2018.

OLIVEIRA, Tiago de. *A origem da terra Nimuendajú*. 2008. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Formação Intercultural Superior dos Professores Indígenas) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Tiago de; MARCOLINO, Creiles; MARCOLINO, Gleidson Alves Marcolino, MARCOLINO, Cledinilson Alves; CEZAR, Stefanie Naye Lipu. Guarani Nhandewa: museu das lembranças e dos sentimentos – Aldeia Nimuendaju. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: SEC-SP, ACAM Portinari, Museu Índia Vanuíre, MAE-USP, 2020. p. 50-65. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786599055706>.

REVISITANDO E EXPONDO O PASSADO. Possibilidade de repatriação de bens culturais mobiliza debate sobre manejo de coleções formadas a partir de legado colonial. Fapesp, n. 295, set. 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/revisitando-e-expondo-o-passado/?fbclid=IwAR2t05ChUk9Ki7HbaR09xlqhwQgwnyZ0aeUgOwD8z0DtYgdZZMinHlxyiOw>. acesso em: 11, set. de 2020.

SCHADEN, Egon. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. 3. Ed. São Paulo: EPU / EDUSP Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO (SEC). Apresentação. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: SEC-SP, ACAM Portinari, Museu Índia Vanuíre, MAE-USP, 2020. p. 10-11. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786599055706>.

*Recebido em 23 de janeiro de 2021*

*Aprovado em 04 de abril de 2021*